

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A LEITURA E ESCRITA DE TEXTOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

JANICE GALLERT¹

RESUMO

Nesse estudo abordo o processo de ensino da leitura e da escrita na perspectiva discursiva e interativa, para tanto é importante compreender que os significados produzidos pela prática social da leitura e da escrita dinamizam processos de objetivação, sendo a linguagem escrita uma dessas configurações de objetivação dos significados. A pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico e se fundamenta na alfabetização e no Letramento em SOARES (2016) e SOLÉ (1998) Concomitante apresenta-se o processo inverso ao de objetivação, que é o de apoderamento dos significados objetivamente existentes na prática social e nas diversas maneiras de registro escrito dela dinamizados. Para que um indivíduo formule um enunciado que faça sentido aos demais, é importante que ele se aproprie dos enunciados e dos significados existentes. Os enunciados individuais empoderam-se da apropriação dos enunciados presentes na sociedade. A apropriação das diversas maneiras de expressão escrita mais elaborada e opulenta em nossa sociedade é condição fundamental para o desenvolvimento de nossa própria expressão da leitura e da escrita. Por mais original que seja o pensamento a ser expresso

1 Doutoranda em Educação, pela Universidade Tuiuti/PR, Bolsista PROSUP/CAPES. janice-gallert10@gmail.com;

e a linguagem que o expressará, tanto um quanto o outro se alimentam das ideias, teorias, discursos e linguagens disponíveis na sociedade.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Letramento, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

O estudo apresenta uma abordagem de Alfabetização e Letramento e posteriormente faz alusões ao uso de intervenções de leitura e de escrita que foram elaboradas na pesquisa como meios que contribuem para o desenvolvimento de habilidades leitoras de compreensão e interpretação aliada a produção escrita, a partir de narrativas significativas. Sendo a leitura e a escrita compreendidas como um caminho de interação entre o leitor, o escritor e o texto e objeto de utilização autônoma dos leitores e dos escritores.

Assim é necessário se preocupar com a formação de leitores. Mas de quais sujeitos leitores e escritores? Aqueles que sejam capazes de movimentar-se em particularidades de mecanismos e habilidades? Que intervenções, estratégias e atividades podem ser organizadas para que os alunos e alunas distendam estas aptidões incluídas no ato de ler e de escrever?

No entanto para aprender as estratégias, o aluno pode interligá-las a uma atividade de leitura e escrita significativa, assim, é preciso articular situações de ensino de leitura e de escrita em que se garanta sua aprendizagem significativa. Quando se trata de ensinar as estratégias responsáveis pela compreensão, o aluno pode vivenciar e assistir ao que o professor faz quando ele mesmo se depara com a leitura e a escrita ou com dificuldade de leitura e de escrita.

Nessa mesma senda compreende-se que é por meio do movimento entre teoria e prática em situações reais de práticas de leitura e de práticas de escrita, que o docente poderá com perspicácia perceber a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento, tornando-se e formando leitores e escritores autônomos e competentes.

METODOLOGIA

Com base no estudo pode-se afirmar que essa pesquisa e caracterizada como interpretativista, ou também conhecida como qualitativa, por ser o tipo de pesquisa que observa os pontos de vista de diversos autores, os interligando entre si, para possivelmente realizar a análise. Ela também busca entender os fenômenos a partir de dados coletados em práticas de leitura e de práticas de escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tendo isso em vista, é possível trazer uma

definição sobre esse tipo de pesquisa que pode ser apresentada nesse contexto:

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. [...] Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativista, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.17).

De acordo com a definição de Denzin e Lincoln (2006) citada anteriormente, é possível perceber que esta pesquisa também é de natureza aplicada, pelo fato de que os textos utilizados estão ocorrendo socialmente de forma natural, ou seja, os textos estão publicados e estão circulando em comunidades linguísticas, escolares e em outras áreas educativas.

No que se diz respeito a questão de levantamento bibliográfico, esta pesquisa se caracteriza como sendo de cunho bibliográfico por ser baseada em materiais que já estão prontos, como livros e artigos científicos (GIL, 2008). Assim, pode-se dizer que a base deste estudo foi feita por meio de fontes bibliográficas, as relacionando de acordo com o ponto de vista da autora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente o processo de alfabetização evoluiu, passou por grandes discussões, cabendo destacar seus pressupostos, procedimentos e conceitos ao longo do tempo e, mais recentemente, o fato, a ação de ler e escrever implica vários processos e subprocessos cognitivos que requerem do alfabetizador conhecimento nessa área.

Na senda da sociedade contemporânea exige o letramento. E o mesmo se apresenta por meio de: imagens, fotografias, letreiros, manchetes de jornais, placas de rua, sinais de trânsito, cartum, cartões de crédito, cheques, notas fiscais, notas promissórias, recibos, documentos, rótulos, revistas, livros, cartazes, campanhas publicitárias, entre outros.

Já a autora Ângela Kleiman (2007, p. 1) explica que o letramento tem como objeto de reflexão os aspectos sociais da escrita e que uma atividade que envolve o uso da língua escrita (um evento de letramento) não se diferencia de outras atividades da vida social: e uma atividade coletiva e cooperativa, porque envolve vários participantes, com diferentes saberes, que são mobilizados segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns.

Assim, como as práticas sociais da leitura e da escrita são tão diversificadas, Souza e Cosson (2011 p. 102) propõem falar em letramentos, no plural, para designar toda a extensão e a complexidade do fenômeno. Dentre esses letramentos caracteriza-se o letramento literário, o qual, de acordo com Cosson (2018), traz na sua concepção a função de promover o papel humanizador da leitura e da escrita.

Em consonância cabe a afirmação de que somos leitores e escritores em tempo integral, mas não lemos do mesmo jeito, nem escrevemos os diferentes textos que se apresentam e nem todos têm acesso ao letramento necessário para fazer uso da leitura e da escrita no enfrentamento aos desafios da vida em sociedade e fazer uso do conhecimento adquirido para continuar aprendendo e se desenvolvendo no decorrer da vida.

Assim, é uma tarefa da escola propiciar aos seus discentes, por meio da leitura e da escrita, os instrumentos necessários para que eles consigam buscar, analisar, selecionar, relacionar, organizar as informações complexas do mundo contemporâneo para assim exercerem sua cidadania com compromisso e responsabilidade social.

Como mencionada a leitura e a produção escrita são tarefas complexas que precisam que todos os envolvidos tenham conhecimentos das possibilidades e dificuldades existentes, para assim buscar estratégias diferenciadas de automatizar a leitura e a produção escrita e assim, contribuir para compreensão leitora dos estudante, sabendo-se, que o reconhecimento das letras e os valores atribuídos aos grafemas para reconhecer a palavra escrita (decodificação) e apenas um item, embora necessário, no processo de leitura, cujo objetivo é adquirir a compreensão e interpretação do texto.

O ensino da lectoescritura tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a educação no país, e vários estudos dedicam-se a desvendar este processo tão complexo que é aprender e ensinar a ler e a escrever. Mesmo sabendo-se que existem

muitos fatores que afetam o ensino aprendizagem deste mecanismo cognitivo, e que nem sempre se podem resolver todos os problemas inerentes aos aspectos socioeconômicos e culturais em que o estudante está inserido, temos a nosso favor o fato de podermos fazer uso de uma ferramenta basilar: a estimulação do cérebro humano, de modo a contribuir para uma formação que possa sempre abrir novas oportunidades. Como ressalta Soares,

“aprender o sistema de escrita e apenas um fio na teia de conhecimentos pragmáticos e gramaticais que as crianças precisam dominar a fim de se tornarem competentes no uso da língua escrita, mas é uma aprendizagem imperativa, que promove outras (SOARES, 2016, p. 334).

Outrossim, aprender a ler não é só uma atividade de grande importância para a inserção cultural do ser humano, mas também de grande relevância para participação em práticas sociais, pois ativando o cérebro dos alunos com afetividade e motivação, a escola fará valer a sua função social. É sabido que existem fatores sociais enraizados na sociedade que não dependem exclusivamente da escola; entretanto, esses fatores não podem impedir ou limitar a escola de ativar e despertar seus estudantes, fazendo uso de um recurso extraordinário que o estudante possui, que é o seu cérebro

Entretanto, depara-se no cotidiano escolar com estudante que não gostam de ler e escrever ou que dizem não compreenderem o que leram, ou ainda, que apenas conseguem indicar informações presentes no texto, que não tem subsídios necessários para produzir um texto de uns determinados gêneros, não é este o letramento imprescindível para o exercício da cidadania e para estar preparado aos desafios que terá durante a vida.

Nesse viés percebe-se que formar leitores e escritores habilidosos que sentem prazer de ler e escrever, que leiam para estudar e conhecer conhecimentos ou para fazer uso das informações para as mais variadas finalidades é formar as bases para que os sujeitos continuem a se desenvolver por meio da aprendizagem no decorrer de sua vida.

Em consonância com Solé (1998), poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma incisiva para autonomia dos sujeitos, no momento em que a leitura e a escrita passam a ser uma ferramenta

importante para que se dirija com certas propriedades em uma sociedade letrada.

Desse modo a escola é espaço de agrupar e compartilhar conhecimentos. É nela, que os estudantes se interatuam numa concordância social específica, a combinação de ensino. O estudante, é colocada diante da difícil atividade de entender os fundamentos dos conceitos sistematizados ou científicos enquanto que o professor é o mediador que irá orientá-lo. Outrossim, é preciso entender que ensinar a ler e escrever é uma das tarefas que se desenvolvem na escola e que essas práticas acontecem por meio do respaldo teórico e prático do docente e da participação de ambos no processo.

Nessa senda, o estudante necessita da mediação do outro para conceber e aprender autonomamente as tarefas e operações culturais. Desse modo, elenca Vygotsky (1984), que a educação escolarizada e o docente têm uma função singular no desenvolvimento do indivíduo.

De acordo, que a proposta de leitura e de escrita enquanto resultado de interação, inicia-se do pressuposto de que o texto é suscetível de várias interpretações e que é tarefa do docente mediar os conhecimentos oriundos de uma esfera social mais abrangente do estudante para propiciar uma conexão com o texto.

No que tange a leitura e a escrita são processos que se conectam e se movimentam entre o que se sabe no texto e o que se despoja dele, evidenciando meios dinâmicos de produção de significados que propiciam as diversas condições de interação entre sujeito e linguagem, pode então, ser compreendida como precursora essencial do sujeito, como prática social e como atividade de coprodução do texto.

O ensino direto, explícito e considerado mais adequado, já que o objeto a ser aprendido é um construto cultural exterior à criança, um sistema criado pelo homem, com objetivo de tornar visível o oral, para isso inventando formas de representação dos sons de fala natural e inata em notações gráficas convencionais e frequentemente arbitrárias (SOARES 2016, p. 339).

Por outro lado, o processo de leitura e de escrita envolve tanto a interpretação quanto a produção textual, assim ao efetivar a leitura o aprendiz exercita a competência de leitor. Diante disso, pode-se afirmar que a escola pode cada vez mais ampliar as tarefas de leitura e de

escrita em sala de aula a partir da oferta de inúmeros projetos didáticos e, na sala de aula, independente da disciplina cursada, as atividades relativas a leitura e a escrita podem ser intensificadas a partir de utilização dos diversos gêneros discursivos, visando sempre estimular o aluno ao prazer pelo texto e na ampliação do repertório de leituras e de produção escrita.

Ao adentrar nesse percurso o sujeito faz uma leitura textual com todo seu ser e sua bagagem sociocultural, o leitor e o escritor constituem-se, identificam-se, alimentam-se e projetam-se no texto, aproximando-se e alguns momentos e em outros se distanciando das ideias que alimentam texto, assim, mesclam às suas ideias, as convexidades textuais que advém do texto, o que lhe possibilitado pela inconclusividade do texto, pelos espaços abrenunciados pelo autor.

Para formar alunos leitores e escritores, é necessário que o docente seja um bom Leitor e escritor, que tenha absolutamente claro o que é, qual a sua função, para que serve, e, principalmente, como ela poderá contribuir no decorrer da vida de cada indivíduo. Visando despertar no aluno o prazer pela leitura e a produção escrita de textos de diferentes gêneros.

Percebe-se o quanto pode ser valorizada a leitura e a produção escrita de textos, e urge que o estudante tenha conhecimento dos gêneros discursivos, fazendo com que os estudantes se apropriem da linguagem.

Cabe aqui também evidenciar que para entender o processo de leitura e de escrita considera-se as etapas apresentadas por Cabral (1986), identificadas como: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. A decodificação resulta do reconhecimento dos símbolos escritos e da sua ligação com os significados; a compreensão ocorre quando o leitor capta do texto a temática e as ideias principais; a interpretação é a fase de utilização crítica do leitor, o momento em que faz julgamentos sobre o que lê e a retenção é o que o leitor absorve do que compreendeu ou interpretou sobre o texto.

Assim, a leitura e a produção escrita passam por um processo interno, mas precisa ser ensinado e uma necessidade para a condição que isso aconteça, ou seja, para o estudante conhecer, é que ele perceba e entenda como o professor elabora uma tarefa de interpretação.

Para os estudantes é muito importante que assistam a um processo de leitura e de produção escrita que lhes propicie observar

procedimentos de compreensão do texto em ação em uma situação tanto significativa como funcional.

Em consonância com a atividade com a leitura em sala de aula é apresentado por Solé (1998) em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura. A ilustre autora nos possibilita atentar para a situação de que a maior parte das tarefas escolares é indicada para avaliar a compreensão da leitora dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente e habilidoso.

Outrossim, muitos estudantes que são desprezados, excluídos e até rotulados como apresentando dificuldades de aprendizagem teriam condições de atingir níveis mais aprofundados de leitura, se fossem ensinadas a ler de maneira apropriada e com intervenções necessárias.

Outro aspecto importante a salientar logo, a leitura e a escrita não podem ser interpretadas como uma mera codificação dos signos linguísticos, mas como “uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso as especificidades da escrita” (ANTUNES, 2003, p. 70).

Para considerar, seria pertinente, necessário e proveitoso ensinar o estudante, de maneira direta e explícita, mediando seu esforço de relacionar fonemas e grafemas de maneira sistemática e lúdica, desafiando o estudante a realizar diferentes descobertas com ferramentas motivadoras e tarefas diversificadas, por meio de atividades que favorecem a aprendizagem, com estímulos que exploram o universo infantil, tais como: brincadeiras, cantigas de roda, manipulação de objetos concretos, fantoches, dramatização, parlendas, trava-línguas, quadrinhas, contação de histórias, dentre outras inúmeras tarefas que colaboram para estimular o imaginário infantil dos estudantes durante a alfabetização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento da pesquisa percebeu-se que a escola é um espaço, por muitas vezes que influencia o individualismo, principalmente ao iniciar o processo de alfabetização e a prática com a língua escrita, ocorre, assim, a competição entre os estudantes. Por outro lado, com as práticas de letramento, há maior cooperação e interação entre os estudantes.

No entanto na prática da leitura e de produção escrita, dentro do letramento, é conectiva e interativa, pois o docente tem a incumbência de orientar e propor perguntas para situar o aluno no texto. Tais perguntas orientarão tanto o leitor iniciante quanto aquele que já sabe utilizar a leitura com precisão. Assim, todos os estudantes podem trabalhar em conjunto: os que não sabem podem tentar entender as questões propostas no texto pelas imagens e outras conexões elaboradas pelo professor; por sua vez, aqueles que já tem a aprendizagem do código podem auxiliar os outros estudantes com as próprias interpretações, ou até mesmo com o silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que habilidade de leitura e de escrita durante os processos de alfabetização e letramento vai além da decodificação dos códigos linguísticos compreendendo a decodificação de palavras e a polissemia de sentido que tais podem oferecer. Outro tipo de leitura e a de mundo na qual, consiste em analisar imagem, situações cotidianas a sua volta etc. onde faz uso da percepção da realidade presente em objetos, discursos, expressões corporais ou quaisquer outras possibilidades que estejam inseridas no contexto. Assim, reforça o quanto essas habilidades são amplas e complexas, demandando do estudante que o mesmo seja letrado para o saber capaz decodificar e refletir afim de analisar.

Outrossim, o letramento surge como conexão da leitura e da escrita de maneira complementar e ampliar a percepção e interpretação de um texto ou contexto social. Percebido que é aplicável em qualquer situação.

Ademais, para iniciação e desenvolvimento da leitura e da escrita reflexiva, surge a importância da escola como o meio de apresentação e trabalho dessas habilidades, já que a mesma assume a função de formadora de cidadãos.

Nessa senda o estudante adentra ao ambiente escolar tendo um conhecimento prévio acerca do mundo a sua volta, sendo assim, as instituições de ensino se apropriam desse conhecimento para o desenvolvimento, ampliação e construção do sujeito. Mediante isso, o docente cumpre a função de sujeito essencial nessa construção, apresentando-se como o mediador entre o meio social e o estudante, e

ampliando o entendimento e a compreensão em diversas áreas, do conhecimento e do ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. ***Aula de português: encontro e interação.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. ***Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.*** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CABRAL, Leonor Scliar. **Processos psicolinguísticos de leitura e a criança.** Letras de hoje. Porto Alegre: 19 (1): 7-20, 1986.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Artmed: Porto Alegre, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura. 3. ed.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KLEIMAN, Ângela e MORAES, Silvia. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** 2 rep. Campinas: Mercado de letras, 2002.

_____. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** São Paulo: Pontes, 1989.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Sistema Scliar de Alfabetização: Fundamentos.** Florianópolis: Lili, 2013.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Sistema Scliar de Alfabetização: Roteiros para o Professor,** 1o Ano. Florianópolis: Editora Lili, 2013.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. ***As aventuras de Lili***. Florianópolis: Lili, 2014.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. ***Processamento botton-up na leitura***. Veredas on-line–Psicolinguística. p. 24-33 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora, 2008.

SOARES, Magda. ***Alfabetização: a questão dos métodos***. São Paulo: Contexto, 2016.

SOLÉ, I. ***Estratégias de leitura***. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VYGOTSKY, L. S. ***A formação social da mente***. São Paulo: Martins Fontes, 1987.